

# DELEUZE E A REVERSÃO DO PLATONISMO

## IV Encontro de Cultura Artística

Lucas Targino Gomes, Bruna Nogueira Ferreira de Sousa, Dênis Túlio Facundo Almeida, Hércules Gomes de Lima, Lucas Oliveira de Lacerda, Ada Beatriz Gallicchio Kroef

A "reversão do platonismo", que teve como publicação original em 1967, e logo em seguida foi inserido como apêndice em 1969 no livro "Lógica do sentido", tinha como pretensão inicial retomar o projeto nietzschiano. Mas o que de fato significa reverter o platonismo? Platão ao separar o mundo das essências e mundo das aparências divide em dois o domínio das imagens-ídolos, para que por um lado se possa selecionar os bons pretendentes, aqueles dotados de semelhança e bons fundamentos e por outro lado aqueles que se afastam do modelo, sem semelhança e com maus fundamentos, os simulacros. Pode-se notar então que a cópia é a fiel reprodução da ideia, uma similitude, revestida de semelhança enquanto que o simulacro é uma total dissimilitude, sem semelhança alguma com a ideia, portanto não podemos negar que a cópia e o simulacro são imagens, mas com a diferença que um possui semelhança enquanto o outro é ausente da mesma. Através da negação do simulacro, afirmando toda a sua improdutividade, que como Deleuze destaca, é assim que na filosofia platônica, como também em toda a história da filosofia é instaurado um domínio da representação, domínio este responsável pela limitação do pensamento que nos fecha a novos horizontes. A partir do que pensa Deleuze, o simulacro nunca fora uma cópia degradada como é colocado por Platão, pois jamais esteve no estado de cópia, em suas palavras o simulacro é "potência positiva que nega tanto o original quanto a cópia, tanto o modelo como a reprodução", é diferença, multiplicidade, ocorre o enaltecimento daquele que sempre foi tratado como sem fundamento, o fim da hierarquização, da limitação e das representações, é portanto este a reversão platônica.

Palavras-chave: Platão. Simulacro. Deleuze. Diferença.